10 ANOS
MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N130 MENSAL: FEVEREIRO 2024
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

"O Homem teme que a cria se revolte contra o criador"

PAULO NOVAIS E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

PPA - UM PENSAMENTO, UMA PALAVRA, UMA ATITUDE **RIICKY ODISSEY** ESTÁ A PERCORRER A EUROPA A PÉ **CLÁUDIA MARTINS** LANÇA LIVRO "DESGARRADAS, CONCERTINAS E TRADIÇÕES"

N130 | FEVEREIRO 2024

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!

CLÁUDIA MARTINS
LANÇA PRIMEIRO LIVRO

ALBERTO MOTA
À FRENTE DA
ASSOCIAÇÃO
DE DADORES
DE SANGUE

CAMÉLIA - JAPONEIRA
ÁRVORE PORTUGUESA DO ANO

CARNAVAL CELEBROU-SE
EM VÁRIOS PONTOS
DO CONCELHO

ECONOMIA DO GOLO

UM VIMARANENSE
A PÉ PELA EUROPA

DR. PALHAÇOS
NO HOSPITAL DE GUIMARÃES

PUB

ENEDECOR
Mobiliário & Decoração

Um novo nome, a qualidade de sempre.

Campanha de Páscoa

Deixe-se surpreender...

Av. D. João IV - 1147 4800-532 Guimarães • Tel. 933 578 928

geral@enedecor.pt • www.enedecor.pt

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO

LEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITAL

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL QUE NOS MOSTRA UM NOVO MUNDO

Há um novo mundo a surgir marcado pela Inteligência Artificial, pelo aumento da capacidade das máquinas em lerem dados e os interpretarem, algo que até agora só cabia aos seres humanos, e que nos colocou, como lembra Paulo Novais, nesta edição da revista Mais Guimarães, no topo da pirâmide.

A Inteligência permitiu adaptarmo-nos ao longo do tempo, sobreviver a perigos, evoluir constantemente, e criar condições para podermos viver cada vez mais felizes e confortáveis num mundo em evolução.

Tudo está mais rápido, a mudar de forma virtiginosa, o que pode tornar-se, de facto, muito perigoso.

A Inteligência Artificial está aí e a mudar as nossas vidas. Já anda por aí há algum tempo a espreitar-nos e a medir cada passo que damos.

Ter a conciência disso é importante para impormos os próprios limites à sua atividade.

Um dos perígos para que alerta Paulo Novais é o da manipulação, que pode representar, no fim de contas, um duro golpe nas democracias, baseadas em cidadãos com pensamentos e posicionamentos plurais.

As playlist automáticas, as sugestões de compras que só aparentemente "do nada" se nos apresentam, mesmo a calhar quando pretendemos comprar algo, o escrevemos ou dissemos a alguém, são sinais de que a manipulação está mesmo ao virar da esquina.

Sejamos sempre mais espertos que as máquinas que criamos, ao ponto de não nos deixarmos colher pelos algoritmos que nelas introduzimos. Procuremos informação fidedigna, e opiniões contrárias para melhor formamos a nossa, com a liberdade que a condição humana nos ofereceu.

E vivamos um pouco mais desligados, para não nos deixarmos corromper, porque é exatamente nesse ponto que nos encontramos.
Uma entrevista que acreditamos oportuna, para ler atentamente.
Fala-nos de um mundo novo, de perigos e de oportunidades também.

Boas leituras.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaranenses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista "Mais Guimarães", é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas, circunscrevendo-se à narração, à relacionação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço
Publicação Periódica Regional, Mensal
Tiragem
5.000 Exemplares
Proprietário
Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.
NIPC 509 699 138
Sede e Sede da Redação Av. de São Gonçalo, n.º 319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião 4810- 525 Guimarães
Telefone 253 537 250 (Chamada para a rede fixa nacional, de acordo com o seu tarifário)
Email administracao@maisguimaraes.pt
Diretor e Editor
Eliseu de Jesus Neto Sampaio
Travessa Monte da Carreira Nº 490
4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o nº. 126 352
ISSN 2182/9276 **Depósito Legal nº.** 358 810/13
Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.
Jornalistas
Leonardo Pereira e Eliseu Sampaio
Design Gráfico e Paginação
Mais Guimarães

Impressão e Acabamento
Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.
Travessa Comendador Aberto M. Sousa
Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande
4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa
Eliseu Sampaio

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.
Telemóvel 917 953 912
(Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário)
Email geral@maisguimaraes.pt
www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C
4810-525 Guimarães

/MAISGUIMARAES

PUB

BATERIAS

MECÂNICA GERAL

MATERIAL ELÉTRICO

CHAPARIA

ACESSÓRIOS

CASA DAS BATERIAS
PEÇAS E ACESSÓRIOS AUTOMÓVEL

Rua Nossa Senhora da Ajuda
(EN105), 101, Moreira de Cónegos
4815-368 Guimarães

Tlf: 253 521 315 *Chamada rede móvel.
info@casadasbaterias.com

WWW.CASADASBATERIAS.COM

CARNAVAL: MILHARES SAÍRAM À RUA PARA CELEBRAR A FOLIA EM GUIMARÃES

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO E LEONARDO PEREIRA

A cidade berço voltou a celebrar o período de Carnaval com várias atividades. Os tradicionais eventos carnavalescos de Nespereira e de Pevidém voltaram a encher as ruas de alegria, animação, música e folia.

O carnaval de Nespereira realizou-se no dia 11 de fevereiro e nem a chuva miudinha impediu o desfile de sair às ruas. Mais de um milhar de pessoas assistiu ao cortejo dos nove carros alegóricos repletos de sátira, em que a política, a TAP e as obras na cidade berço foram alguns dos temas abordados.

Com música a abrir caminho para o desfile, a Fanfarra "Família Peixoto" de Vizela foi o primeiro grupo a desfilar nas ruas de Nespereira. De seguida, partiu estrada fora o habitual comboio com crianças da freguesia.

Os foliões também fizeram uma ode ao álcool com o "Andor dos Copos", repleto de garrafas cheias. De seguida, após passarem vários grupos de mascarados, um camião alegórico fazia referência às obras da cidade berço. Num ano de eleições legislativas, a referência à política não faltou. Marcelo Rebelo de Sousa, António Costa e João Galamba foram cabeças de cartaz de um dos carros alegóricos. Atrás, seguia outro veículo alusivo à TAP e ao novo aeroporto de Portugal.

A Escola de Samba Lusitana também esteve presente, com cerca de 30 figurantes a dar alegria e cor à freguesia. De seguida, a rainha do Carnaval Jéssica Galhofas seguiu no seu carro próprio e o desfile encerrou com um grupo de bombos. O carnaval de Nespereira terminou à noite com a Queima do Arturzinho e com uma sessão de fogo de artificio.

O mau tempo e chuva obrigaram ao cancelamento de algumas das atividades do tradicional carnaval de Pevidém, mas S. Pedro foi brando para que o desfile do dia 13 de fevereiro se realizasse.

A folia saiu à rua e, como vem sendo habitual, milhares de pessoas ladearam o cortejo que calcorreou as ruas da vila vimaranense. O cortejo deste ano teve o Carro Vila de Pevidém (dedicado ao Marco Geodésico do Picoto, ponto mais alto da vila), o Carro Criança (dedicado ao Super Mário Bros), o Carro Sinaleiro (edicado ao "cabeça de giz" – figura carismática e icónica dos tempos passados, equipado com capacete, luvas e brancas, a principal tarefa do polícia sinaleiro), Carro Baralho de Cartas (dedicado ao mundo das cartas), Carro Rainha (onde as princesas e a rainha estiveram no topo do trono acenando à população) e o Carro Entrudo.

No desfile, marcado pelo bom tempo e pela alegria, houve também tempo para crítica e sátira. O Pevidém Sport Clube, aproveitou a oportunidade para, publicamente, protestar pela falta de

condições para os atletas treinarem. Num dos cartazes podia ler-se: "Pevidém SC Complexo Desportivo de Rua - Enquanto aguardamos, treinamos na rua". O desfile contou com a participação de centenas de figurantes da vila e também das freguesias vizinhas. Para além disso, de quatro grupos de bombos, nomeadamente o Grupo Bombos "Menaços da Carvalhosa", Bombos e Gigantones Sta Marta, Bombos e Gigantones "Os Bravos" e Bombos e Gigantones Raimonda. Na noite do feriado de Carnaval, deu-se o "Enterro do Entrudo" e a leitura do testamento por Liliana Oliveira e Borguinha no Mercado Municipal.

DÁDIVA DE SANGUE:
"É PRECISO MANTER ESTA CHAMA VIVA"

TEXTO E FOTOGRAFIAS: LEONARDO PEREIRA

Alberto Mota é o presidente da Associação de Dadores Benévolos de Sangue de Guimarães há 27 anos e, para o novo mandato, pretende "dar continuidade ao trabalho que temos feito", bem como "manter viva a chama da tradição da dádiva de sangue."

O vimaranense está também à frente da Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue, estrutura para a qual irá concorrer novamente este ano. A nível nacional, quer garantir ao dador o direito ao dia e criar mais associações.

Alberto Mota expressa que "os vimaranenses e as pessoas do Vale do Ave e do Vale do Sousa são muito altruístas e dedicados à causa." Todavia, alerta que são necessárias mil a 1.100 unidades de sangue todos os dias. Numa causa tão importante, considera fundamental a criação de incentivos para atrair mais dadores de sangue.

Voltou a assumir a presidência da Associação de Dadores Benévolos de Sangue de Guimarães até 2026. Qual é a razão para continuar à frente da estrutura?

A minha recandidatura foi feita no sentido de continuar o trabalho feito aqui em Guimarães e também de ir ao encontro de alguns apelos que senti por parte de algumas associações, que quiseram que apresentasse a candidatura à Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue. E só me é permitido ser candidato à presidência da Federação se estiver inserido numa associação de dadores de sangue.

Qual é o sentimento de estar há quase três décadas à frente da associação?

É um sentimento de que esta obra nunca está acabada, porque todos os dias temos uma necessidade de cerca de mil a 1.100 unidades sangue no país todo. Em 2023, terminámos o ano com 10.783 unidades de sangue no núcleo de Guimarães e Felgueiras, que é o nosso espaço. Tirando o hospital de St. António e de S. João, somos a terceira entidade do país a colher mais sangue.

O que falta fazer do ponto de vista local e nacional?

Em Guimarães é preciso continuar com esta chama viva e manter a tradição da dádiva de sangue com os nossos parceiros, a Câmara Municipal de Guimarães, as escolas e Juntas de Freguesia, que mantêm a cedência dos espaços e nos ajudam na divulgação das recolhas.

O segundo objetivo é criar melhores condições para termos um posto melhor em Guimarães. A nossa Casa do Dador, neste momento, reúne todas as condições para fazer recolha de sangue. Mas precisamos de um posto maior. Basta a porta desta Casa do Dador estar aberta e entram pessoas a voluntariar-se para doar sangue. Quanto mais tempo tivermos esta porta aberta, acredito que podemos ter muitos mais dadores aqui em Guimarães.

Temos dadores de Fafe, Vizela, Famalicão, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Felgueiras e Póvoa de Lanhoso que vem cá semanalmente. Esta casa tem muitas escadas, é um pouco estreita e temos de criar melhores condições para termos mais dadores porque é bom para a associação, para a autarquia e para a cidade.

Quantos dadores de sangue a Casa do Dador recebe por semana?

No ano passado, às terças-feiras, registámos uma média de 60 pessoas que entraram nesta casa para dar sangue. Nas freguesias foi sempre muito maior. Em locais como Moreira de Cónegos, Taipas e Lordelo vamos buscar 150 a 200 unidades de sangue num fim de semana.

Também referiu que outro dos seus objetivos é trabalhar com as diferentes associações para haver um trabalho melhor a nível nacional...

Sim é importante. A minha recandidatura à Federação é feita no âmbito de criar melhores condições a todas as associações do país. Temos concelhos que têm muitas associações, como Santarém que tem 18. Queremos que trabalhem todas por igual para rapidamente chegarmos à autossuficiência, ou pelo menos não termos de fazer dois ou três apelos por ano por falta de sangue.

"SOMOS A TERCEIRA ENTIDADE DO PAÍS A COLHER MAIS SANGUE."

Porque é tão urgente esta causa?

É o único modo e tratamento que é conhecido para salvar vidas. A medicina tem evoluído muito felizmente, mas ainda há situações que são resolvidas apenas através da dádiva. E no caso de Portugal é benévola, não é remunerada, não sabemos para quem doamos, é eficaz e temos bons profissionais de saúde. E é segura porque não é remunerada. Nos países que é remunerada, podemos quase garantir que não é tão segura, porque as pessoas vão dar sangue consoante as condições financeiras que têm ou as suas necessidades.

Qual é a importância da associação a nível local?

Enquanto tínhamos o Hospital da Senhora da Oliveira, o estabelecimento consumia, há alguns anos, cerca de quatro mil dádivas por ano. Nunca percebi a razão de o hospital deixar de fazer colheitas de sangue. Neste momento, temos três centros e 27 hospitais a colher sangue. Sou a favor de que a atual Unidade Local de Saúde do Alto Ave devia criar condições para colher sangue, porque se Guimarães e Felgueiras contribuíram com quase de 11 mil dádivas, o estabelecimento hospitalar deve ter agora um consumo de 4.200 a 4.300 unidades, e nós seríamos autossuficientes.

"GUIMARÃES TEM UM LEQUE MUITO GRANDE DE DADORES QUE JÁ FIZERAM MAIS DE 100 DÁDIVAS."

A Unidade Local de Saúde do Alto Ave devia abrir um espaço para doar sangue?

Estamos crentes que o Dr. Pedro Cunha, que assumiu a presidência do estabelecimento há pouco, poderá ter essa recetividade. Queremos propor ao hospital algo que os dadores devem ter enquanto pessoas que não são remuneradas. Temos que venerar aqueles que já foram dadores muitos anos e que deram muitas dádivas. Guimarães tem um leque muito grande de dadores que já fizeram mais de 100 dádivas. Temos de tentar criar condições. Na Unidade Local de Saúde do Alto Ave já existiu o estatuto do dador e do associado, para pessoas que deixaram de doar sangue. Terminou com a pandemia da Covid-19 e foi interrompido.

Diariamente, são precisas entre 1000 a 1.100 unidades de sangue por dia. Porque é necessário um número tão grande?

Essa é uma média de consumo que temos através de intervenções cirúrgicas e de um programa de acidentes que estipulamos que possam haver.

Os vimaranenses e as pessoas que vivem nesta região são altruístas nesta causa?

Os vimaranenses e as pessoas do Vale do Ave e do Vale do Sousa são muito altruístas. São muito dedicadas à causa. Quem me dera ter pessoas na Federação tão benévolas como temos nesta zona. Também temos um efeito diferente. Portugal tem particularidades muitos diferentes. No Norte, vivemos uma realidade diferente da zona Sul e Centro. A nossa realidade é que estamos sempre atentos à necessidade do próximo. Nas grandes cidades, já não existe isso. Em Lisboa não é possível fazer o mesmo trabalho que fazemos cá em cima. Não têm o mesmo resultado.

Isso é uma consequência de Guimarães e os concelhos vizinhos serem de média dimensão?

Acho que é mais o sentido de altruísmo das pessoas. Acompanho muitas associações do Centro e Sul e noto que algumas trabalham muito bem dentro das suas possibilidades. Também temos um problema muito grande, que é o envelhecimento da população. Há zonas do nosso país em que a população está a ficar muito envelhecida, como o interior, o Alentejo e mesmo a cidade de Lisboa. As pessoas trabalham em Lisboa, mas não vivem lá. Quando chegam a casa já é final da tarde ou 21h00 e não estão para doar sangue. Nós estamos num meio mais pequeno e as pessoas saem do trabalho às 17h30 e ainda se preocupam, porque têm tempo para doar.

É sempre necessário haver sangue disponível. Qual é a razão da adesão a esta causa não ser maior?

Há muitos mitos na dádiva de sangue. Um dos maiores que as pessoas acreditam são as tatuagens, acham que se tiverem não podem doar sangue. É falso. Ao fim de quatro meses de fazer a tatuagem pode ser dador de sangue. As pessoas dizem também que a agulha é muito grossa, que dói e que o dador pode ficar enfraquecido. Esses são mitos e temos de acabar com eles. É um trabalho que a Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue está a fazer junto da Direção-Geral da Educação, da Associação Nacional de Freguesias e da Associação Nacional de Municípios.

"O MINISTÉRIO DA SAÚDE E O INSTITUTO PORTUGUÊS DO SANGUE E DA TRANSPLANTAÇÃO TÊM DE OLHAR PARA ESTA CAUSA COMO UMA PRIORIDADE."

É preciso que as pessoas se informem melhor?

Sim, mas acho que aquilo que tem falhado é a própria tutela. O Instituto Português do Sangue e da Transplantação é a tutela que tem a responsabilidade de garantir o sangue em todos os hospitais. Tem falhado um pouco porque as associações são voluntárias e vivem do apoio de algumas autarquias e do Instituto Português do Sangue

e da Transplantação. Não chega para metade do orçamento. Falta muito material didático e de literacia de saúde no que diz respeito à dádiva de sangue.

O Ministério da Saúde e o Instituto Português do Sangue e da Transplantação têm de olhar para esta causa como uma prioridade. Nós sabemos que o voluntariado não é o mesmo de há 30 anos. Atualmente é tudo feito através das redes sociais entre os jovens e é esse apelo que gostava de deixar: É preciso trazer jovens não só para serem dadores, mas também para o voluntariado. Temos algumas associações com dirigentes muito envelhecidos.

Deve haver mais sentido de altruísmo para que as pessoas adiram ao associativismo?

Acho que deve haver mais sentido de altruísmo e mais incentivo. Devia haver um programa nas faculdades ou escolas secundárias para incentivar os jovens para o associativismo.

Na tomada de posse da Associação de Dadores Benévolos de Sangue de Guimarães também apelou para o registo da doação de medula óssea. É outra causa importante em Portugal?

Sim, enquanto que os dadores de sangue do sexo masculino poem doar sangue de três em três meses e as mulheres de quatro em quatro, o registo de dador de medula é só feito uma vez na vida até aos 45 anos. Depois vamos para uma base mundial onde poderá aparecer um doente compatível e nós podemos ser chamados até essa idade.

"UMA DAS IDEIAS É RECONQUISTAR O DIREITO AO DIA DO DADOR."

Com que intuito apresenta a sua recandidatura à Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue?

Há uns meses atrás, lançaram-me novamente o desafio e vou-me recandidatar-me a mais um mandato, para tentar concluir as ideias que tenho para as associações e dadores. Uma das ideias é reconquistar o direito ao dia do dador. Esse direito já existiu e foi retirado em 2011. Queremos apresentar, na próxima legislatura, aos governantes para que isso seja restituído. Isso foi retirado a alguns dadores e queremos uma lei igual para todos.

Além disso, queremos a legalização e a atualização do estatuto do dador, que não está a ser cumprida no país como devia ser. Queremos também criar mais associações e mais dádivas para que haja sempre sangue à espera dos doentes nos hospitais.

O direito ao dia por parte dos dadores de sangue é um incentivo à causa?

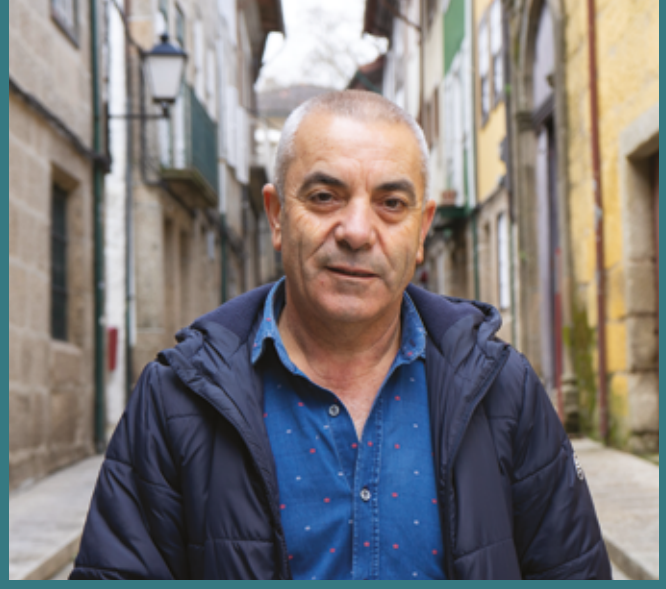
Acho que sim, nomeadamente para estes postos. Se queremos isso e se temos uma necessidade grande de sangue, precisamos de segunda a sábado para as pessoas doarem. Seria uma forma de reconhecer o dador quando fosse doar sangue, não só por esse direito, mas também pela segurança que podemos transmitir a todos. Depois da dádiva de sangue, podem ir descansar e no dia seguinte estarem em condições para trabalhar.

Qual será o futuro da Associação de Dadores Benévolos de Sangue de Guimarães?

Para o futuro da associação, queremos rapidamente criar um grupo de jovens para tomar conta da estrutura, porque 30 anos à frente da associação chega. Não é por estar cansado, mas chega e o projeto está a começar a esvaziar. Penso que temos de olhar para a juventude para ajudarem a associação, mas este é um projeto que ficará concluído no dia em que tivermos uma casa maior e mais dádivas. É bom que se diga que somos uma referência a nível nacional.

Quais são os principais desafios da dádiva de sangue?

É trazer jovens para a causa e ir ao encontro deles. Tem de haver uma linguagem direta e todas as associações devem-na ter, para que os jovens adiram. A média da faixa etária do dador de sangue em Portugal é muito alta, está na casa dos 50 anos. Estamos quase no limite de idade, que são 65. A minha maior preocupação é trazer gente nova para salvar vidas.



FRANCISCO MATOS JÁ REALIZOU MAIS DE 100 DÁDIVAS DE SANGUE

Francisco Matos é um dos dadores que já ultrapassou a marca impressionante das 100 dádivas de sangue. Natural da freguesia de Penselo, o vimaranense começou a doar sangue em meados dos anos 80, quando teve um colega de trabalho que realizou uma cirurgia e necessitou de quatro dadores de sangue. Francisco Matos calcula que, a partir dessa altura, já doou mais de 50 litros de sangue.

Depois de cerca de 40 anos inserido nesta causa, apenas parou em 2023 quando completou 65 anos, idade máxima para doar sangue. Apesar de já não ser permitido doar mais, Francisco Mota conta que "se pudesse continuar, dava sangue sem problema. Enquanto o meu sangue fosse útil para alguém, não tinha problema nenhum porque é uma ação que não custa nada."

Depois de uma centena de dádivas de sangue, o sentimento de Francisco Matos é de satisfação: "Contribuí com a minha parte. Sinto-me satisfeito e espero que o sangue tenha sido bem aproveitado. Tenho essa confiança. Não sinto o dever cumprido porque esta ação não é um dever, é voluntária e apenas dá quem quer."
Em 2022, o vimaranense de 65 anos recebeu um galardão depois de atingir as 100 dádivas. Para Francisco Matos, esta é uma forma de "reconhecer os dadores que se disponibilizam a doar o seu sangue. Felizmente ainda há bastantes dadores e espero que continuem a haver mais."

Como as doações foram feitas ao longo de vários anos, Francisco nunca ficou sem condições de ir trabalhar. "Fiz a minha vida normal e recuperei rapidamente", conta. Todavia, o vimaranense admite que já teve recaídas durante as dádivas: "Tive quebras de tensão três vezes por ter sido numa hora inoportuna ou porque não tinha feito uma refeição próximo da dádiva. Mas fiquei logo bem."
"Antigamente, doávamos sangue e comíamos um prego no pão e bebíamos uma cerveja"

Francisco Matos explica ainda que "hoje em dia vamos doar sangue e no fim perguntam-nos sempre se queremos comer bolachas ou tomar algo para reforçar um pouco o corpo. Antigamente, doávamos sangue e comíamos um prego no pão e bebíamos uma cerveja."
Há cerca de quatro décadas ligado a esta causa, Francisco Matos considera que os vimaranenses "deveriam ser mais solidários tendo em conta o número de pessoas que residem em Guimarães. Contudo, são solidários. Há bastantes dadores, mas nunca chegam, quantos mais melhor."

Francisco acredita que a ausência de mais dadores deve-se à falta de informação sobre a dádiva de sangue na comunidade, mas também à falta de incentivos: "As pessoas desconhecem se podem doar sangue e se são saudáveis. Na dúvida, devem ir porque ninguém doa sangue sem ter uma consulta médica, há sempre médicos a avaliar o doente. Para motivar alguém a doar sangue, podia haver um incentivo que levasse os jovens para a causa, porque não haverá sempre pessoas idosas para isso. Se não tiverem motivados a partir dos 20 anos, não vão ficar mais tarde porque não têm interesse. Esta iniciativa e motivação para os dadores de sangue deve começar o quanto antes. Se houvesse uma forma de provar que a dádiva de sangue é agradável e útil, seria melhor", finaliza.

CAMÉLIA - JAPONEIRA VIMARANENSE
ÁRVORE PORTUGUESA DO ANO 2024

TEXTO: LEONARDO PEREIRA• FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

A camélia-japoneira, que está situada os jardins centenários da Villa Margaridi, em Guimarães, é a árvore portuguesa do ano de 2024, e vai agora representar Portugal no concurso para Árvore Europeia do Ano 2024, que termina no dia 22 de fevereiro.

A árvore que se situa na cidade berço obteve 3.900 votos, superando o Sobreiro do Rei, localizado em Mafra, que teve 3.075 votos, e a Oliveira do Peso em Pedrógão, na Vidigueira, com 2.988.

O prémio da Árvore Portuguesa do Ano foi entregue no dia 15 de fevereiro, na Casa de Margaride. A sessão contou com a presença de Domingos Bragança, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Conceição Santos Silva, secretária-geral da União da Floresta Mediterrânica (UNAC) e José Couceiro, proprietário da Camélia de Guimarães

Com cerca de 300 anos, seis metros de altura e seis de diâmetro, a árvore está localizada nos jardins centenários da Villa Margaridi, no centro de Guimarães.

Esta camélia-japoneira integra um "jardim histórico e exemplificativo da arte de topiária, que tem valor estético e biológico, e destaca-se pelos séculos de talhe cuidado que conduziram a um jogo de volumes, cores e formas geométricas monumentais" pode ler-se na candidatura europeia.

A árvore está classificada como Interesse Público, juntamente com um conjunto arbóreo e mais dois exemplares isolados.

HOSPITAL DE GUIMARÃES ESTABELECE PROTOCOLO COM A OPERAÇÃO NARIZ VERMELHO

TEXTO: LEONARDO PEREIRA • FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

O hospital da Unidade Local de Saúde do Alto Ave, em Guimarães, assinou, no dia 14 de fevereiro, um protocolo de colaboração com a Operação Nariz Vermelho, para que as crianças hospitalizadas, os seus familiares e os profissionais sejam visitados pelos Doutores Palhaços.

A sessão realizou-se no átrio do estabelecimento hospitalar e contou com a presença de Pedro Cunha, presidente da Unidade Local de Saúde do Alto Ave, e Luiza Teixeira de Freitas, presidente da Operação Nariz Vermelho. No final da assinatura do protocolo, os Doutores Palhaços percorreram pela primeira vez os corredores do hospital vimaranense e visitaram as crianças, famílias e profissionais do hospital.

Para a presidente da instituição, "é uma felicidade grande cada vez que conseguimos chegar a mais crianças, porque o objetivo da Operação Nariz Vermelho é um dia alcançar todas as crianças que estão hospitalizadas em Portugal."

Luiza Teixeira de Freitas explica que "os Doutores Palhaços trabalham no lado saudável das crianças, porque o que fazemos é trazer alegria onde é mais necessária. É muito difícil ver um local que não fique transformado e se encha de humor, alegria, energia e brincadeira por onde os Doutores Palhaços passam. Fazemos investigação para provar que isso é verdade e que somos cada vez mais necessários nos hospitais portugueses."

Em termos práticos, os Doutores Palhaços trabalham em duplas fixas e permanecem seis meses em cada hospital, trocando de residências no final desse período. "Isso permite criar uma certa familiaridade com o hospital, com as pessoas que trabalham no estabelecimento e com as crianças", finaliza a presidente da Operação Nariz Vermelho.

A Operação Nariz Vermelho é uma Instituição particular de solidariedade social, em atividade há mais de 20 anos, que tem como missão proporcionar alegria às crianças hospitalizadas, aos seus familiares e também profissionais dos hospitais através da presença do Doutor Palhaço.

MOMENT 2024
QUINTA DONNA MARIA E CREME D`AVELÃ

A Quinta Donna Maria e a Creme D`avelã uniram-se para preparar um "evento surpreendente" que aconteceu no dia 20 de janeiro.

O objetivo foi mostrar que o espaço é “uma ótima opção” para quem pretenda realizar um evento familiar, um batizado, uma comunhão, um aniversário ou até um casamento.
Estando a uma distância similar entre Guimarães, Braga e Vila Nova de Famalicão, a Quinta Donna Maria pretende atrair públicos destes concelhos, e por isso mostrou as novidades para os eventos familiares que pretendam realizar durante este ano 2024 ou seguintes.

Com anos de experiência na organização de eventos, Nelson Castro explicou à Mais Guimarães que o objetivo foi “abrir as portas da Quinta Donna Maria para que os clientes, as famílias, conseguissem perceber como poderia realizar-se o evento familiar, conhecer os menus, as decorações, e também serviços de alguns parceiros, como a animação, serviços fotográficos, etc...”

Na Quinta Donna Maria merecem destaque os buffet de entradas, variados e surpreendentes, e os buffet de sobremesas, mas também a cozinha, com sabores da região, tradicionais, com um toque contemporâneo.

A Ideia de realizar este evento, o Moment 2024, surgiu da parceria, já com vários anos, com Soraia Leite, gerente da Creme D`Avelã.
No Showroom, Soraia apresentou várias novidades em cake design, mais sofisticadas que o habitual, novos sabores e também formatos. “Apresentei aqui soluções para casamentos, mas também para batizados e comunhões, sobretudo festas de caráter familiar. O objetivo foi mostrar que as pessoas podem até arriscar um pouco mais e surprender a família nesses momentos especiais”, disse a cake designer.

Em jeito de balanço, os responsáveis mostraram-se muito satisfeitos com o sucesso do evento, e com o número de clientes visitaram o espaço e conheceram os serviços. “Uma iniciativa a repetir” avançaram, desde logo, à Mais Guimarães.

"UM PENSAMENTO, UMA PALAVRA, UMA ATITUDE": ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS DOENTES ONCOLÓGICOS

TEXTO E FOTOGRAFIAS: LEONARDO PEREIRA

"Um pensamento, uma palavra uma atitude" (PPA) é uma associação de apoio a doentes oncológicos provenientes de meios sociais menos favorecidos e foi fundada em 2016. A PPA ajuda pessoas através do fornecimento de materiais e equipamentos como camas articuladas, sofás, cadeiras de rodas, cadeiras sanitárias, cadeiras de banho, medicamentos, perucas, próteses capilares e mamárias e viagens. No total, a associação vimaranense já apoiou cerca de mil pessoas.

A associação tem sede em Guimarães, na Rua D. João IV, mas também apoia doentes de vários concelhos que envolvem a cidade berço, nomeadamente de Fafe, Vizela, Celorico de Basto, Mondim de Basto e Famalicão. De acordo com Fernanda Coelho, presidente da PPA, "nenhum doente ficou sem o apoio solicitado, mesmo durante a pandemia. Orgulhamo-nos muito do nosso trabalho."

Como presidente de uma associação solidária, Fernanda Coelho sente que a PPA "é importante na vida dos doentes e das famílias. Eles vêm aqui e conseguimos que tenham esperança. Se conseguirmos ver um sorriso da parte deles é uma satisfação para nós. Toca-nos muito." Fernanda Coelho conta que "é muito difícil arranjar voluntários para este trabalho. Os órgãos tentam ajudar no que podem, mas também têm o seu trabalho.

Os doentes são encaminhados pelo gabinete social do hospital de Guimarães para a PPA, estrutura que conta com apoio da Câmara Municipal de Guimarães e de alguns empresários. "A Câmara ajuda-nos muito, como na aquisição da nossa carrinha para transportar os equipamentos para as casas dos doentes, mas conheço alguns empresários solidários que nunca me dizem que não", conta a presidente da associação. Além disso, a PPA conta com apoios de algumas Juntas de Freguesia e organiza alguns eventos para angariar fundos como saraus solidários, caminhadas, passeios, jantares e o outubro rosa.

PPA TEM DOIS PROTOCOLOS COM A UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO ALTO AVE

A PPA estabeleceu dois protocolos com a Unidade Local de Saúde do Alto Ave: Um deles é para apoiar os doentes oncológicos com as suas necessidades e outro é para ajudar os doentes nos cuidados paliativos: "Quando os doentes vão para casa, o hospital encaminha um médico ou enfermeiro para fazer assistência e consultas em casa. Nós fornecemos todo o equipamento que o doente precisa para que esteja mais confortável e para que se sinta mais feliz nos seus últimos tempos de vida, na segurança da sua casa", explica Fernanda Coelho.

Além disso, a associação também apoiou, em 2022 e 2023, as famílias carenciadas com a oferta de 15 cabazes de natal, "para tornar a data festiva do doente melhor", expressa a dirigente da associação.

A PPA foi fundada quando Manuela Veloso, que já foi vítima de cancro, decidiu criar uma associação para ajudar os doentes oncológicos. Manuela Veloso juntou-se a Fernanda Coelho e a mais um membro, formando a estrutura. No início, a atual presidente da PPA atendia os doentes no café mas, posteriormente, foi-lhe cedido um espaço de forma gratuita. "Precisava de um local para armazenar todos os materiais que a associação tem", conta.

Já para o futuro, a presidente da PPA "gostaria de passar a associação para outra pessoa para continuar o nosso trabalho. Estou um pouco cansada e gostava de viver o resto da minha vida com os meus netos e netas."

TESTEMUNHA DO IMPACTO DA ASSOCIAÇÃO JUNTO DA COMUNIDADE

Um dos casos mais marcantes de que Fernanda Coelho se recorda foi o de André Oliveira, que lutou contra um colangiocarcionoma (tumor nas vias biliares) durante mais de meio ano. Depois de sentir uma dor na zona abdominal e de ver as suas consultas médicas serem adiadas devido à pandemia da Covid-19, o vimaranense descobriu que tinha um tumor maligno, tendo sido colocado nos cuidados paliativos.

Depois de ter conhecimento da PPA através dos médicos da atual Unidade Local de Saúde do Alto Ave, André Oliveira foi recebido pela associação "de braços abertos no imediato e ainda mantemos contacto. Gosto bastante da Dr. Fernanda Coelho e da dona Manuela Veloso. A associação é daquelas que, se uma pessoa der algum donativo, vai usá-lo. Nota-se logo que fazem tudo para ajudar as pessoas."

Sem capacidade para suportar os custos dos medicamentos, que rondaram um total de mil euros, o vimaranense de 42 anos deslocou-se à associação para receber ajuda financeira: "Tive de ser medicado com injeções que custavam cerca de 120 euros mensais e ainda havia mais medicamentos, como de ferro, magnésio, para o estomago e enjoos. Em alguns meses tinha contas de 300 euros. Durante cerca de seis meses tomei esses medicamentes e fazia contas à vida. Falaram-me da PPA e ajudaram-me a 100%", conta André Oliveira.

Além do suporte financeiro, a PPA também o ajudou a nível psicológico: "Uma das senhoras já passou pelo mesmo e realmente ela deu-me força para nunca desistir, bem como a dona Fernanda Coelho. Disseram-me para nunca desistir e para pensar na minha filha." Entre as várias pessoas que marcaram o seu período de luta contra o colangiocarcionoma, André Oliveira destaca Fernanda Coelho e Manuela Veloso, responsáveis pela PPA: "Foram das melhores pessoas que conheci, tiveram um peso enorme. Mas também não me posso queixar as enfermeiras e de todas as pessoas do hospital, ajudaram-se sempre."

VIMARANENSE QUE ESTÁ A DAR A VOLTA À EUROPA A PÉ JÁ CHEGOU A FRANÇA

TEXTO: RUI DIAS • FOTOGRAFIAS: RIICKY ODISSEY

Sem qualquer apoio, tem sido um embaixador de Guimarães nas terras por onde passa. Já caminhou mais de dois mil quilómetros e espera chegar Roma durante o mês de maio.

Henrique Pereira, de 31 anos, saiu de Guimarães no dia 5 de outubro do ano passado e, depois de ter percorrido mais de dois mil quilómetros, chegou a território francês, na manhã de quinta-feira, dia 14 de fevereiro. O Vimaranense quer ser a primeira pessoa a dar a volta à Europa a caminhar. O desafio implica percorrer 40 países sem usar nenhum outro meio que não as suas pernas e está previsto para durar quatro anos. O principal problema de RiickyOdissey, como é conhecido nas redes sociais, é a falta de financiamento. O dinheiro que tinha posto de lado já está quase a acabar e o projeto precisa desesperadamente de patrocinadores.

Farto da rotina do trabalho numa empresa têxtil e convencido de que "com os salários que se ganha em Portugal" nunca poderia viajar, Henrique decidiu partir a pé. Despediu-se, juntou as economias que tinha - cerca de dois mil euros -, juntou-lhes os 250 euros que a Junta de Freguesia de Silvares lhe deu e fez-se à estrada. Na freguesia havia quem dissesse que "não vai passar de Vizela". Quando chegou à fronteira com Espanha, no último dia de outubro, com 413 quilómetros nas pernas, os céticos começaram a calar-se. Agora que atravessou toda a Península Ibérica e já está em França, "o presidente da Junta já me disse que dizem que se eu voltasse para casa agora já tinha feito muito, mas não é esse o plano", garante.

Henrique não conseguiu atrair apoios para o seu projeto antes de partir. "Talvez as pessoas não acreditassem", pondera. Todavia, pensou que quando os quilómetros se começassem a acumular seria mais fácil encontrar patrocinadores. "Antes de sair contactei a Câmara de Guimarães e nem uma resposta consegui obter", queixa-se. "Sou um embaixador, por onde passo, as pessoas que vou conhecendo perguntam-me de onde venho. Digo-lhes que parti de Guimarães, em Portugal e acabo a explicar onde é fica a cidade e a contar a história da fundação da nacionalidade", refere.

Logo que saiu do país, a sorte mudou. Por um lado, deixou de ter o acolhimento nos quartéis de bombeiros que conseguiu em quase todas as cidades portuguesas, por outro, em Badajoz, foi vítima de uma tentativa de assalto. "Um romeno, fazendo-se passar por polícia queria que eu lhe desse a minha identificação. O objetivo era roubar-me os documentos", conta.

O PERIGO DE ACAMPAR

As noites são passadas, quase sempre, na tenda e já teve companhia indesejada por mais de uma vez. "A certa altura, foi uma matilha de cães, mas também já acordei com barulho a meio da noite e, quando saí com a lanterna para ver o que era, dei com um javali. Estava acampado debaixo de umas oliveiras e ele estava a comer azeitonas", explica com toda a naturalidade. Na noite de Natal, teve um presente inesperado do pai. "Marcou-me uma noite num quarto de hotel, em Múrcia", conta.

26 MIL QUILÓMETROS DE CAMINHO

O primeiro "troley", estilo mala de viagem, ainda subiu a serra da Estrela e foi arrastado até Sevilha, mas teve de ser trocado por um carrinho de bebé, com rodas tipo bicicleta, "porque aquilo não está feito para aguentar tantos quilómetros". Henrique está consciente que vai encontrar muito mais problemas ao longo dos 26 mil quilómetros do caminho que ainda tem pela frente, mas está preparado para viver com os mínimos. O "couchsurfing" é uma solução a que só recorre quando está muito cansado ou nos lugares onde montar tenda pode ser problemático.

Em Espanha, os polícias foram compreensivos e, nalguns casos, até lhe indicaram os melhores locais para acampar. "Um destes dias, vieram ter comigo quando estava a preparar-me para arrancar. Viram a minha identificação, conversaram um pouco comigo, ficaram admirados com o projeto e desejaram-me boa viagem. Deve ter sido uma denuncia de um morador que pensou que eu era algum tipo de bandido", relata. "Perguntaram-me se tinha alguma coisa para me defender. Disse-lhes que tinha a minha faca e que durmo sempre com ela", comenta a rir.

O sul de França, onde está agora, reserva-lhe algumas etapas perigosas, nomeadamente na região de Marselha, onde os níveis de criminalidade são muito altos. Mesmo assim, continua a dizer que os sítios mais perigosos que pensa atravessar ficam na Roménia, onde terá que acampar em territórios onde existem ursos. De acordo com o plano, estará em Itália no início de abril e deve chegar a Roma durante o mês de junho. Homem de fé, leva consigo um terço e uma imagem da Virgem que lhe deu o arcipreste de Guimarães Vizela, padre Samuel Vilas Boas, no momento em que lhe deu a benção, antes da partida. "Gostava muito de ser recebido pelo papa, porque esta minha caminhada é também uma jornada de fé", confessa. Quando se completar um ano desde que saiu de Guimarães, o caminheiro espera estar algures entre a Áustria e a Eslovénia.

AJUDA É BEM VINDA

Henrique acha que pode dar visibilidade a empresas de Guimarães, e não só, que se queiram associar a ele neste projeto. As pequenas ajudas de particulares também são bem vindas: GoFundMe https://gofund.me/9cf3a8ae; MBWAY 919583768; Henrique Pereira PT50.0036.0117.99100023136.64. Dia a dia, no Facebook, Instagram, Tik Tok e Youtube, o aventureiro vai colocando vídeos em que conta as peripécias das etapas que vai percorrendo. É nestes momentos que o caminheiro se propõe a dar visibilidade às empresas que estiverem dispostas a apostar nele.

PUB

CREIXOMIL
Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

TROFA
Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

RONFE
Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

Segunda a Sábado
08h00 às 20h00

+CIÊNCIA

CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES

QUÍMICA EM TODO O LADO!

A Química está em todo o lado. Durante o mês de fevereiro, o Curtir Ciência exibe ao público mais uma exposição em parceria com a Escola de Ciências da UMinho - Núcleo de Química.

Podemos afirmar que a Química está em todo o lado. Da celulose até à ponta dos cabelos. Está nas baterias de uso quotidiano (nos telemóveis, nos carros) e na seda, no vidro e até na arte. Esta omnipresença é a base da nova exposição patente no Curtir Ciência – Centro Ciência Viva de Guimarães.

"Chemistry EveryWhere" explora temas atuais relacionados com os projetos de investigação realizados no Centro de Química da Escola de Ciências da UMinho. Esta mostra pretende sensibilizar a comunidade escolar e o público para a importância da Química enquanto ciência que contribui para a sustentabilidade do planeta.

Para muitos estudantes, a Química, a par da matemática, começa por ser um "bicho-de-sete-cabeças". Mas o conhecimento mais aprofundado desta ciência abre caminho a uma outra percepção. Um exemplo: as obras de arte são, normalmente, apreciadas segundo um critério estético. Mas como é que os artistas conseguiram um determinado efeito ou que materiais usaram? A Química ajuda a responder.

Esta exposição pode ser visitada durante o mês de fevereiro, com entrada gratuita, durante o horário de funcionamento do Curtir Ciência: de segunda a sábado, das 09:30 às 13:00 e das 14:00 às 18:00 horas.

DIA DE DARWIN

Charles Darwin precisou de 20 anos para formalizar a sua teoria da evolução e só em 1859 publicou "A Origem das Espécies". O Curtir Ciência assinala a efeméride (12 de fevereiro) com uma Conversa Fora da Caixa na Secundária Martins Sarmento. Adriana Fernandes, doutoranda em Comunicação de Ciência é a convidada.

CIÊNCIA NA CIDADE

O Centro Histórico de Guimarães é lindo em qualquer altura do ano. É um ponto incontornável de passagem para locais e visitantes. O Curtir Ciência também contribui para a animação do burgo classificado pela Unesco, através de sessões interativas para famílias. A sessão de fevereiro realiza-se no dia 24, às 11:00 horas.

A relação com as diversas instituições e projetos da comunidade é uma das missões do Curtir Ciência – Centro Ciência Viva de Guimarães. Um dos projetos ativos tem como parceiro o Hospital Senhora da Oliveira, através do seu Serviço de Pediatria. O projeto "Mimo com Ciência" assenta na dinamização de atividades interativas naquele serviço, asseguradas pelo Curtir Ciência. Pensamento computacional, sustentabilidade e ferramentas 3D são algumas das atividades que o Curtir Ciência desenvolve com crianças que passam pela Pediatria vimaranense.

Agenda Cultural de Guimarães

© DIREITOS RESERVADOS

TERRA ESTREITA

24 de fevereiro – Centro Internacional das Artes José de Guimarães

Terra estreita é uma exposição que aborda questões contemporâneas como o exílio, pertença à terra, colonialismo e a geopolítica que apresenta instalações, vídeos, fotografias, esculturas e obras de Benji Boyadjian, Bisan Abu Eisheh, Emily Jacir, Jean-Luc Moulène, Larissa Sansour, Taysir Batniji, Ryuichi Hirokawa e Yazan Khalili. A exposição pretende também assinalar a comemoração dos 50 anos do 25 de abril.

© DIREITOS RESERVADOS

COMO SERIA A VIDA SEM PÃO E POESIA?

02 de março – Casa da Memória de Guimarães

A Casa da Memória promove várias atividades ligadas ao "Remoinho", um projeto que se realiza em volta dos saberes em tradicionais por intermédio de oficinas, performances e de palestras. No dia 02 de março, às 15h30, o Grupo Poetas do Selho homenageará os moinhos e o pão tradicional através da poesia. Acompanhado por Liliana Duarte, o Grupo Poetas do Selho irá habitar um moinho e preenchê-lo dessa presença sob a forma de palavra, declamando-a através da poesia.

© DIREITOS RESERVADOS

JOSÉ CID & OCTETO + ORQUESTRA DO NORTE

02 de março – Multiusos de Guimarães

O pavilhão Multiusos de Guimarães acolhe José Cid & Octeto num concerto que será único e memorável para aqueles que estarão a assistir. Interpretando o seu álbum de rock sinfónico "10.00 anos depois de Vénus e Marte", José Cid será acompanhada pela reconhecida Orquestra do Norte, que promete acrescentar vida ao espetáculo musical.

© DIREITOS RESERVADOS

GLIMMER

09 de março – Grande Auditório Francisca Abreu do CCVF

"Glimmer" é um espetáculo audiovisual e tecnológico que junta Rui Horta e os Micro Audio Waves, 15 anos depois de "Zoetrope". Num encontro entre ideias, emoções e a construção de futuro, "Glimmer" leva o público a pensar sobre uma tecnologia tão humanizada que se confunde com a alma através da música, dança e poética.

OS APELIDOS DE GUIMARÃES NA ORIGEM E EXPANSÃO

16 de março – Casa da Memória de Guimarães

Numa atividade com foco no reforço das ligações pessoais, a Casa da Memória acolhe, no dia 16 de março, pelas 16h00, uma mesa redonda denominada de "Os apelidos de Guimarães na origem e expansão", um momento que visa explorar a génese de alguns apelidos que tiveram origem na cidade berço, ou até aqueles que acabaram por se tornar vimaranenses.

© DIREITOS RESERVADOS

ANTÓNIO ZAMBUJO

16 de março – Grande Auditório Francisca Abreu do CCVF

Guimarães recebe um dos maiores nomes da música portuguesa: António Zambujo, que traz o seu décimo álbum de estúdio "Cidade", totalmente composto por Miguel Araújo. Intérprete de vários êxitos nacionais, António Zambujo regressa à cidade berço para marcar a noite do público do espetáculo musical.

FEIRA DE ANTIGUIDADES

Entre 22 e 24 de março – Multiusos de Guimarães

Durante três dias, uma feira repleta de objetos colecionáveis transporta os seus visitantes para uma outra época. O pavilhão Multiusos de Guimarães recebe um evento direcionado para colecionadores ou pessoas que pretendam ter momentos de revivalismo e de reencontro com memórias. Há muito para ver e descobrir entre os dias 22 e 24 de março.

"DESGARRADAS, CONCERTINAS E TRADIÇÕES" O LIVRO DE CLÁUDIA MARTINS

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

"Desgarradas, Concertinas e Tradições" homenageia a cultura, "enquanto traço característico de um povo", adianta Cláudia Martins, mentora e vocalista da banda Minhotos Marotos, que com este livro, apresentado no dia 06 de fevereiro, em Guimarães, quer perpetuar algumas das histórias vividas ao longo de 15 anos de estrada, mas acima de tudo aproximar o público das tradições.

A apresentação contou com intervenções de Paulo Lopes Silva, vereador da Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Guimarães, de Fernando Capela Miguel e, naturalmente, de Cláudia Martins. A moderação da conversa esteve a cargo de Luís Lisboa.

Muitos foram os amigos que quiseram juntar-se à artista e à sua banda neste "Dia de Festa", como Fernando Capela Miguel designou.

O livro fala dos 15 anos do projeto musical Cláudia Martins & Minhotos Marotos, desde a génese, à evolução, e inclusive revela pormenores e histórias nunca antes contadas. Fala de concertinas, indo mesmo à origem da concertina e aos cantares ao desafio, mas também aquilo que é a origem de outras tradições. É ainda abordada a importância da música no crescimento do ser humano e no seu bem-estar.

O livro conta com um texto de Augusto Canário que explica a importância de continuar a cantar as tradições, e Capela Miguel vinca, num texto também, essa importância da cultura e das tradições como traço característico de um povo.

Diamantino Ribeiro, em "Desgarradas, Concertinas e Tradições", ajuda a perceber a importância e o impacto da música no conceito de bem-estar, e dentro da equipa dos Minhotos Marotos, Telmo Ribeiro leva cada leitor para cima do palco ao revelar os pormenores que compõem a "magia que está por trás de cada concerto". A equipa de comunicação da banda mostra ainda, através de dados concretos, que aquilo que se faz no palco vai muito além do palco.

Aos presentes no lançamento do seu livro, Cláudia Martins mostrou-se "feliz e satisfeita por poder partilhar o momento com tantos amigos", e que, para ela "a arte destaca-se e é eternizada pela quantidade de vidas que toca, mas sobretudo pela forma como estas vidas são tocadas".

Porque, adiantou, "cada pessoa que sai da sua rotina, e vai a um concerto, leva consigo a expectativa de ali se encontrar com um pouco de alegria, através da música, através de uma viagem pelas tradições".

A vontade de escrever este livro nasceu com a mesma espontaneidade que nasceu o desejo por aprender a tocar concertina e depois a cantar, disse a artista vimaranense, apontando também a

importância deste momento, porque “um livro eterniza os momentos”, até porque, acrescentou, para recontar uma história, foi preciso voltar aos lugares e ir ao encontro dos intervenientes citados, e isso trouxe, “no imediato, outras recordações”.

Ao escrever o livro, foi “voltar a viver um bocadinho de cada momento aqui contado, mesmo que por instantes, e ter a certeza que a cada acorde que damos, as letras que escrevemos, e as estradas que percorremos, valem a pena porque nos levam a lugares onde há pessoas que nos esperam. As pessoas são únicas, as tradições caracterizam um povo, e é impossível dissociar estas duas partes de uma equação que a cada instante vamos deslindando”.

"Desgarradas, Concertinas e Tradições", conta uma história onde a música e as tradições caminham juntas e se enriquecem mutuamente. “Este livro fala de pessoas, e foi escrito por pessoas, para as pessoas. Cada página é um profundo agradecimento a quem acreditou, a quem ajudou, a quem fez parte, a quem nunca desistiu e tornou esta história de 15 anos possível. A simplicidade de cada página, tem por objetivo mostrar que as coisas bonitas da vida são assim mesmo, simples e eternas”, vincou Cláudia Martins, antes de agradecer a cada membro da banda, “cada um com a sua arte, com a sua paciência, com o seu empenho, faz este projeto mais bonito, e a estrada, não só em sentido figurado, mas também a vida ser cada vez melhor”.

O livro, curiosamente, foi apresentado a 06 de fevereiro, data em que, há 15 anos, os Minhotos Marotos davam o seu primeiro concerto, em Lousada. 15 anos depois, ficou o convite de Cláudia Martins, para que continuemos a acompanhar, por mais 15 anos, as Desgarradas, Concertinas e Tradições.

CIDADE

TEXTO: LEONARDO PEREIRA • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

© CMG

SÉRIE "DAQUI HOUVE RESISTÊNCIA" TERÁ FILMAGENS E PRODUÇÃO EM GUIMARÃES

A série televisiva "Daqui Houve Resistência" será uma compilação de personalidades e momentos de resistência antifascista no âmbito do 25 de abril no norte de Portugal e conta com filmagens e produção na cidade berço entre março e junho de 2024.

"Daqui Houve Resistência" será produzida pelo "Olho de Vidro – Associação Cinematográfica de Guimarães" a partir do livro "25 – Guimarães Daqui Houve Resistência", da autoria do vimaranense César Machado. Inclui várias personalidades importantes, nomeadamente Santos Simões, José Casimiro, Alberto Martins e Lurdes Mesquita.

REABILITAÇÃO DAS PISCINAS DOS BOMBEIROS DE GUIMARÃES DEVERÁ ARRANCAR ESTE ANO

As piscinas dos bombeiros de Guimarães serão alvo de "uma reformulação muito profunda para garantir que o edifício fique em excelentes condições para os praticantes" esclarece João Pedro Castro, presidente da direção dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. A obra deverá arrancar em 2024 e o valor rondará os 1,3 milhões de euros.

De acordo com o presidente da corporação, a bancada que desaparecerá, "não estando previsto haver competição no edifício, o que não justifica a sua existência." Além disso, o projeto apresentado demonstra que haverá um segundo piso com cerca de 650 m2, incluindo zona de serviços (sete salas diferentes em 310 m2) e um espaço que deverá dar lugar a um ginásio (340 m2).

© CMG

© BVG

GINASTAS UCRANIANAS DO GUIMAGYM ENCANTAM JURADOS DO "GOT TALENT PORTUGAL"

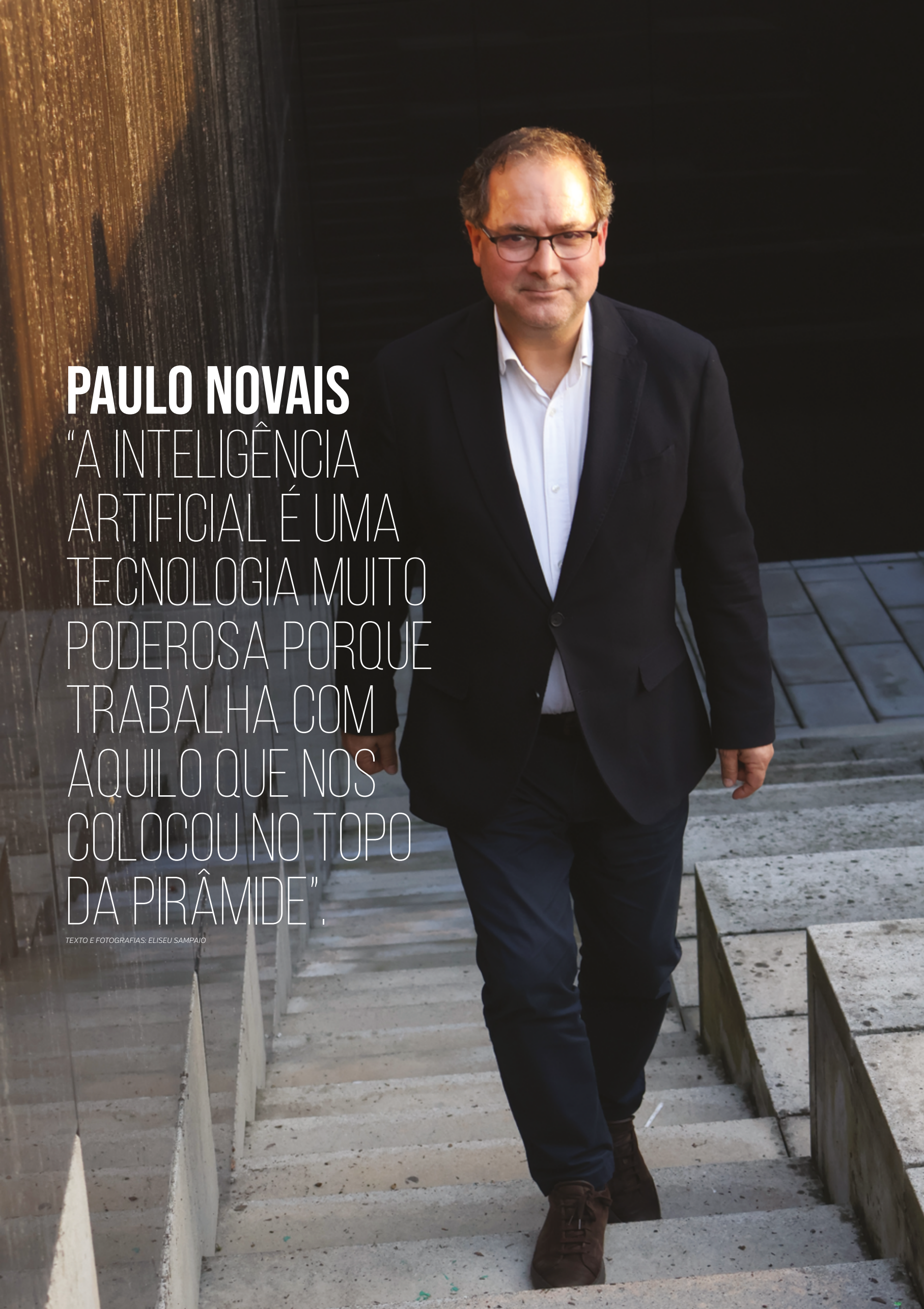
O Guimagym participou no programa de talentos "Got Talent Portugal" com a presença de cinco ginastas ucranianas da classe de rítmica. Ailara Stadnyk, Sofia Smerteniuk, Miroslava Bespala, Sofia Riabets e Oleksandra Riabets subiram a palco e encantaram os quatro jurados do programa. Filomena Cautela, Manuel Moura dos Santos, Inês Aires Pereira e Rui Massena não ficaram indiferentes à prestação das ginastas e atribuíram quatro "Sim".

A professora das atletas, Adriana Castro, conta que "as meninas são um exemplo aqui dentro da classe rítmica e no clube, porque se dedicam totalmente à ginástica e treinam todos os dais mais de cinco horas por dia. Têm realmente uma dedicação extrema ao desporto e fazem aquilo que gostam. Foi isso que as trouxe a Guimarães. Assim que chegaram cá, no dia seguinte, já estavam a treinar."

PUB

É BOM COMPRAR
NO CENTRO DA CIDADE!

Av. D. João IV, Guimarães



PAULO NOVAIS

"A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL É UMA TECNOLOGIA MUITO PODEROSA PORQUE TRABALHA COM AQUILO QUE NOS COLOCOU NO TOPO DA PIRÂMIDE".

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Paulo Novais é vimaranense, nascido em S. Torcato, professor no Departamento de Informática e investigador no ALGORITMI Center, na Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Já percorreu os "quatro cantos" do mundo para falar sobre Inteligência Artificial, e os seus olhos brilham quando perguntamos sobre as suas "imensas aplicações". Pousa os pés no chão e, preocupado também, aborda nesta entrevista à Mais Guimarães os perigos desta tecnologia, sobretudo se nas mãos erradas.

Falar em Inteligência Artificial está na moda. Mas afinal, o que é?

Eu diria que a Inteligência Artificial é a simulação ou o desenvolvimento de sistemas, produtos, seja o que for, que possam simular, exibir um comportamento que se possa considerar inteligente.
É uma engenharia no sentido em que agora estamos, de facto, a desevolver produtos, materiais, sistemas inteligentes, e é uma ciência porque ainda continuamos a estudar, a procurar melhorar os nossos algoritmos, a nossa tecnologia, de forma a poder ser mais inteligente, ou se preferir, como eu prefiro ainda dizer, mais esperta.

Os ingleses fazem a distinção entre o "Smart", e o "Inteligent" e a esperteza é mais adequada porque não deixa de ser uma simulação de um fenómeno, de um comportamento.
Com IA percebemos que há qualquer coisa que o distingue de um produto comum, de um software comum.

Por exemplo, nos robots aspiradores: nós temos um produto, que de facto cumpre muito bem a sua função e tem comportamentos inteligentes. Até os vemos a desviarem-se dos cães, dos gatos, ou dos objetos que nós colocamos. O ambiente pode ser até dinâmico e ele adapta-se a isso e cumpre a sua missão que é aspirar. Obviamente com algumas dificuldades ainda, quando a carpete tem fios cumpridos e ele enrola-se, por exemplo, mas isso são problemas que a engenharia está, pouco e pouco, a resolver.

O robot, no entanto, não faz nada que eu ou o Eliseu não façamos, que é encontrar as melhores trajetórias, percorrendo a menor distância possível. Observamos, aprendemos, e aplicamos aquele conhecimento.

A Inteligência Artificial é algo que parece novo. No entanto, já anda aí há muito tempo. É um processo?

Não há nada que esteja ligado ao saber humano que não seja um processo. A inteligência é, de algum modo, a forma de capturar na natureza, na sociedade, algo que nos parece útil, que é conhecimento e termos a capacidade de o replicar, e isso acontece desde sempre. Se pensarmos nas pinturas rupestres, que agora chamamos arte, na realidade são manifestações de atividades do dia a dia.

Poderá, em alguns casos ser arte, mas se calhar era também transmissão de conhecimento, na medida em que faziam aquelas pinturas para depois explicarem aos outros quais eram as técnicas, por exemplo, de caça naquela altura.
Ao longo da evolução da espécie humana sempre houve esta necessidade de aprender, arquivar e registar o conhecimento, e depois reutilizá-lo.

Mas há uma evolução mais rápida, agora.

Tudo acelerou, na realidade.
Alan Turing criou um desafio já nos anos 50, dizendo que nós iriamos ser capazes de fazer máquinas que, quando interagíssemos com elas, não seríamos capazes de perceber se era uma máquina ou um homem. Isso, de facto, é o momento do surgimento da inteligência artificial da era moderna.

A partir daí, tivemos uma abordagem que partia do pressuposto de que a Inteligência, na essência, precisava da capacidade de abstração. Quando nos abstraímos, criamos símbolos e usamos os simbolos para raciocinar, para generalizar, para fazer deduções. Quando temos raciocínios mais ponderados, nós estamos a fazer isso.

Nós humanos aprendemos muito pela observação, pela experiência, e isso estava a ser desprezado. E começa a aparecer esse fenómeno de tentarmos pôr as máquinas também a aprenderem, a aprendizagem automática ou, se quiser, a aprendizagem computacional.

"NENHUMA TECNOLOGIA PODE PÔR EM RISCO A DIGNIDADE HUMANA"

E com uma capacidade de absorção, de acumulação de conhecimento muito maior que o ser humano.

E porquê? Porque já não trabalha sobre modelos pré-definidos, que alguém os tratou, que é basicamente do que estávamos a falar antes, e começa a ser sobre os dados, sobre os dados que representam de algum modo o contexto.
Aí começamos a ter máquinas que, pela observação, pelos dados, começam a criar elas próprias o conhecimento.

E o que é criar conhecimento?

Na realidade é, muitas vezes, detetar as repetições, porque isso é que são as boas práticas. É olhar para um determinado artesão que está a fazer algo e reparar no que faz e repete sempre. O que ele repete é, de facto, o sumo, e o sumo é uma boa prática.

Se pegarmos no exemplo de um pintor, e em duas pinturas e até reconhecemos o traço: isto é Van Gogh, é Picasso, ou é José de Guimarães, somos capazes de identificar um estilo, um padrão, e isso o que é o conhecimento que está associado, neste caso, a uma atividade de pintura, mas poderia ser de música ou a um artesão das nossas cutelarias.

A partir do momento em que temos máquinas que são capazes de replicar os sensores mais básicos que nós, como espécie, temos o ver, ouvir, e por aí adiante. Passamos a ter máquinas que podem fazer o que nós fazemos. E com vantagens, porque as máquinas não se cansam, não se degradam e aprendem mais rápido que nós.

Temos nesta altura as máquinas que já substituem o homem na replicação de tarefas mais básicas. O grande receio é que elas venham a criar algo diferente a partir daí e substituir o homem na criatividade.

O que estamos a falar é de determinismo ou não determinismo.
Nós sabemos que, quando repetimos operações, há um certo determinismo. Pegando no exemplo do aspirador de novo, o que ele está a fazer é a cumprir um conjunto de boas práticas, de regras. Se o ambiente não mudar, nós sabemos que algoritmo ele vai aplicar, e isto é o determinismo.

Quando é que há um "problema"? É quando a máquina aprende, quando aprende uma nova forma que fazer que não estava no algoritmo inicial. Logo, quem está de fora não pode prever o que vai fazer.

O problema está na aprendizagem que é algo inerente ao ser humano, todos os dias aprendemos, só que quando está nas máquinas ficamos assustados.

Vamos imaginar que, em vez de ser um robot era um carro, é um carro que aprende. E a minha pergunta é, alguém quer entrar num carro que aprende? Eu não!
Se o carro não aprende eu posso antecipar e saber que comportamento vai ter num determinado contexto. O problema é que ele pode aprender que, se calhar, para salvar vinte tem que me matar a mim.

E isso levanta problemas éticos.

Claro que isto é um dilema ético, eu reconheço que sim, mas é preciso perceber o que está a acontecer.
Os meus colegas do Direito agora já não usam a palavra ferramenta, e começam a chamar, e bem, os produtos que têm Inteligência Artificial, de artefactos.

Qual é a diferença? Quando é uma ferramenta, ela tinha autonomia, decide por si, dentro de uma determinada capacidade que nós lhe delegamos.

O artefacto ganhou, para além da autonomia, a capacidade de aprender, e quando aprende nós deixamos de controlar porque passa a estar num não determinismo, e aí a Humanidade lida mal com isso.

Mas isso acontece desde há muito, desde o dilema da cria que se revolta contra o criador. Faz-me lembrar o Frankenstein, o Exterminador dos filmes de ficção científica, em que criamos uma máquina que se revolta contra nós.

Aí entram os limites, os riscos e os dilemas morais que nós vamos ter quando estamos na antecâmara das máquinas aprenderem autonomamente. O que é que vamos fazer? Porque se uma máquina estiver autónoma em Marte não tem mal nenhum, sabe porquê? Porque não há risco para o Homem, mas aqui não sabemos.

Quais é que são os limites da Inteligência Artificial. Temos os governos preocupados com isso. É realmente motivo de preocupação?

Antes de mais, devo dizer que sou católico, quero ser muito claro sobre isso, o que significa que a minha visão está influenciada por essa questão.
Para mim, há um limite de aplicação não só da Inteligência Artificial como de qualquer tecnologia, que é a dignidade humana.
Nenhuma tecnologia pode pôr em risco a dignidade humana nas suas diferentes dimensões.
Isaac Asimov criou as regras da robótica, e nelas diz, no fundo, que a máquina não se pode revoltar contra o criador.

PUB

Arcol
Cash & Carry

puríssimo
a marca do consumidor exigente

GUIMARÃES
SANTA MARIA DA FEIRA
LISBOA
FARO

www.arcol.pt

E onde quero chegar com isto? Para dizer que qualquer tecnologia tem que ser regulada. Como exemplo, nós temos armas de fogo há muito tempo e há regras na sua utilização.

Que nem sempre são cumpridas.

Mas não há nenhuma tecnologia em que nós possamos obrigar a cumprir. Há umas décadas falou-se de clonagem, e houve um grande burburinho, recordo-me da ovelha Dolly, e começou a temer-se a criação de clones humanos.

Há um consenso generalizado, diria global, da não utilização da clonagem para esses fins, mas para outros. Temos visto outros exemplos de clonagem mas são mais discretas. Recentemente foi clonado um macado, um mamífero.

A tecnologia tem vindo a ser apurada. Já a utilização é reprovável em determinados contextos, um deles é a dignidade humana, replicando o ser humano.

É duvidoso, no entanto, que duas pessoas exatamente iguais, no sentido físico, sejam as mesmas pessoas, porque isso seria limitar as características inatas. As nossas experiências também nos moldam muito.

Utilizando a analogia dos computadores, diria que há uma parte que vem do sistema operativo que está lá sempre, que mesmo que formate está lá, o como ele arranca. Depois a utilização do sistema operativo e as aplicações que lá coloca é que transformam o computador do Eliseu numa coisa e o meu noutra. É importante desmistificar estes casos.

É uma ciência que está a ser utilizada também para benefício dos seres humanos.

Qual é o problema? É que, de facto, em sociedades mais controladas, e infelizmente no mundo atual nem sempre se caminha para a democracia, há um temor aceitável, compreensível, de que determinadas tecnologias podem ter um mau uso.
A Inteligência Artificial é uma tecnologia muito poderosa porque trabalha com aquilo que nos colocou no topo da pirâmide, que nos distingue dos outros, a inteligência, o uso do conhecimento.
Por isso, se de facto nós não tivermos algum cuidado, esse conhecimento pode ser usado contra nós, é bom que se note.

A tecnologia poderá estar preparada para se proteger também.

Primeiro as máquinas não têm ainda consciência, vamos com alguma calma.

Mas podem ser programadas para isso.

Podem ser simulados, isto não deixa de ser uma simulação. O que quero dizer é que não deixa de ser um mecanismo artificial que simula a existência de um determinado comportamento.
As máquinas, neste momento, são capazes de manipular e gerar informação, conhecimento, com a informação agregada, trabalhada.

Vai demorar algum tempo para chegar a um nível daquilo que é o raciocínio humano. Nós aprendemos com muito poucas experiências, rapidamente. Dou-lhe o exemplo de quando pomos a mão num liquido frio ou quente.
O ser humano em duas ou três experiências percebe que pode pôr o dedo ou parte do corpo nesse contexto, já uma máquina precisa de muitos exemplos para fazer um processo de indução, porque uma coisa é deduzir partindo de uma regra geral para o particular, mas outra é partir do particular para generalizar, e para isso precisamos de muitos dados.

E esse é, desde logo, um processo dispendioso, esse é um dos riscos. Esta inteligência que usamos, o ChatGPT, com meia dúzia de perguntas gasta um copo de água (que serve para arrefecer). Pode parecer pouco, mas se pensarmos nos milhões de utilizadores percebem o que quero dizer, para além da energia que está a ser consumida.
Por isso, ainda tem muito para ser melhorado, mas já é muito poderoso.

Com uma evolução tão rápida, há passos que possam estar a ser dados num vazio da legislação?

Os Estados, em particular as organizações a nível europeu.
Mas há um problema, primeiro porque o simples conceito de dado varia muito. Os dados, nos Estados Unidos, ou no mundo asiático, são uma Comunity, são um Bank, sendo transacionável como outra coisa qualquer. Há empresas que só fazem recolhas de dados e os vendem para outros depois poderem, a partir daí, tirarem as conclusões que quiserem.

Na Europa, em princípio, vemos os dados como um bem comum, algo que deve ser disponibilizado à sociedade para ela poder utilizar, e não é transacionável. Por exemplo, a Câmara de Guimarães tem vindo a fazer um esforço notável para a disponibilização de dados abertos para que as empresas da nossa região, ou os cidadãos possam aceder, e daí extrairem informações como hábitos dos cidadãos, de consumo, ou de deslocação que nós temos na nossa região.

À partida é difícil porque poderemos estar a criar regras ao nível europeu, e elas estão a ser feitas, que podem não ser replicadas noutro contexto. E isso coloca uma outra questão que é o estrangulamento da inovação na Europa.

Segunda nota é que, pela primeira vez na evolução do conhecimento humano, há neste momento novos players, que são empresas. Os grandes impulsionadores não são o Paulo Novais e os seus colegas, são os Paulo Novais que estão a trabalhar na Google, na Amazon, no Facebook, nessas organizações, porque são eles que têm acesso aos dados.

E qual é a diferença?

Eu sei cozinhar omoletes, mas quem tem os ovos há-de fazer sempre mais omoletes do que eu. Eu estou a tentar aprimorar a maneira de fazer omoletes, mas os meus colegas fazem milhões de omoletes todos os dias. Naturalmente são eles que estão a controlar a produção de omoletes no mundo.

E isso também é um problema, porque deixou de ser a academia a controlar a evolução do conhecimento, e são agora empresas privadas, com fins lucrativos. É a primeira vez na evolução do ser humano que nós somos todos produtores de alguma coisa, neste caso de dados digitais, que depois podem ou não ser aproveitados para qualquer fim.

Como é que vamos jogar com isto? Esse é o grande dilema das próximas décadas.

Temos a empresa de Elon Musk, que acabou de instalar um chip no cérebro de uma pessoa.

Esse é o passo que eu teria tido mais cuidado em dar. Acho um pouco prematuro o que está a ser feito. Eu percebo, eu também tenho essa curiosidade. Repare, eu uso óculos, não é um chip, mas melhorou muito a minha capacidade de ver. Ter um chip que me ajudasse a fazer cálculos mais rápidos, a recordar-me de algo, pode ser de facto extraordinário.

No entanto, posso estar completamente enganado, mas acho que é prematura a criação de uma espécie de cyborg humano, é um primeiro passo que eu não sei se teria dado. No entanto, ele já foi dado, e não foi pelo Elon Musk.

Quando usamos os telemóveis, de algum modo já estamos a fazer isso, a única diferença é que ela ainda não está na pele.

Numa academia, que se rege por regras deontológicas e éticas rigorosas, esse passo teria de ser bem ponderado, teria que haver uma aceitação da sociedade, de algum modo, para que ele pudesse ser dado.

Estamos com empresas que têm, de facto, uma outra visão do desenvovimento que podem estar a acelerar um pouco demais e prematuramente.

Tem mais receios da aplicação da Inteligência Artificial?

Há coisas de que não estamos a falar e que são muito piores. O maior perigo da inteligência artificial é a manipulação, e isso já temos sofrido. É um perigo para a democracia e para o modelação daquilo que é a opinião pública.

Quando vemos estas técnicas a serem aplicadas no marketing comercial até achamos piada. Piada que nos estejam a sugerir livros semelhantes aos que nós gostamos, vinhos, bicicletas, etc...
Mas agora estamos a um nível global a ser influenciados naquela que é a nossa conduta, a modelar aquilo que nós queremos ler, aquela que é a nossa opinião, a formar a nossa opinião.

Logo, os perigos para a democracia são, na minha humilde opinião, o pior que pode haver. E já tivemos maus exemplos com o Cambridge Analytics que teve influência em determinadas eleições no mundo. No Brasil, estudou-se que, utilizando o Twitter, agora rede X, também houve ali algo em que as pessoas se sentiram influenciadas. Repare, se todos os dias alguém recebe informações e não pode verificar a veracidade, mas que vão motivar um determinado comportamento, que lhe parece que está a ser o correto, cada vez fica mais convencido.

Como é que se nota isso?

Pela evolução que a sociedade está a ter. Antes dizíamos que estavamos ali no meio, agora cada vez mais extremados. Vê-se nos Estados Unidos, vê-se em França, vê-se em Portugal, de algum modo, nestes últimos contextos que também isso refletem.
O perigo da criação de clusters, grupos onde as pessoas só bebem aquilo que querem beber, quando a essência da humanidade e da formação de uma opinião é também provar do que se não gosta, mais não seja para perceber que não se gosta. A diversidade, a capacidade de observar coisas diferentes, outras abordagens, para escolher o nosso caminho é fundamental. Se só tivermos acesso a uma determinada visão do mundo, o mundo vai tornar-se pequeno e perigoso.

A INTELIGÊNCIA É AQUILO QUE NOS DEFINE COMO ESPÉCIE, A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL É A EXPANSÃO, O AUMENTO DESSA CAPACIDADE DA INTELIGÊNCIA.

O CONHECIMENTO PODE NÃO RESOLVER TODOS OS PROBLEMAS DO MUNDO, MAS A IGNORÂNCIA É QUE NÃO RESOLVE NENHUM.

E como é que isso se evita?

Só a dignidade humana consegue resolver isto, não permitindo, formando, havendo a capacidade de existirem meios de comunicação. Daí eu ser completamente favorável a que o Estado apoie a comunicação social, é um serviço público essencial. Mas que sejam órgãos diferentes, com perspetivas diferentes, até que as assumam, não tem problema, mas que haja as cores do arco-íris, pluralidade, é fundamental.

Falemos agora também dos benefícios desta nova tecnologia que o Homem criou, chamada Inteligência Artificial.

Aí, bem-vindos ao maravilhoso mundo da IA. Já agora, a minha definição de Inteligência Artificial: A Inteligência é aquilo que nos define como espécie, a Inteligência Artificial é a expansão, o aumento dessa capacidade da inteligência.

Em todas as possíveis tarefas onde ela possa ser aplicada, e o limite seria como o Buzz Lightyear do Toy Story, que diz "Para o Infinito e mais além", é disponibilizar conhecimento para melhorar todas e quaisquer atividades, de trabalho, de lazer, no dia a dia, e isso é extraordinário. O conhecimento pode não resolver todos os problemas do mundo, mas a ignorância é que não resolve nenhum.
Lembra-se do mister Data, do filme Guerra das Estrelas, o assistente digital que ao lado nos aconselha? Não é extraordinário ter alguém, uma figura ou um sistema que nos diz vá por ali, vá por acolá.

Agora já nem precisamos de mapas, temos um sistema que, dependendo do interface que estamos a utilizar, nos diz qual o melhor caminho para um determinado sítio, impecável, até me avisa que há um acidente e para eu ir por um desvio. Não é muito melhor a nossa vida?

E a inteligência artificial é isso.
É essa inteligência que eu quero, que torna todos os sistemas muito mais espertos, muito mais personalizados, adequados a cada um de nós.

E acima de tudo, que pode libertar-nos das tarefas rotineiras. Nós estamos todos preocupados com a substituição de algum trabalho. Mas, o que será numa primeira fase substituído, não é um trabalho que também dignifique muito o Homem. Aquelas operações repetitivas, ninguém se sente feliz a fazer isso.

E a questão da criatividade?

O que vai acontecer é um aumento da criatividade, estão enganados. As novas ferramentas de geração de imagens, por exemplo, não é extraordinário? O que vai acontecer é que vamos produzier muito mais em menos tempo.

Mas vão ser precisas as mesmas pessoas?

Calma. Nem todas as atividades vão ter o mesmo desenvolvimento e a taxa de substituição não será igual, nunca foi assim. Eu recordo que, no início do século 20, tenho na memória uma imagem da principal avenida de Nova York onde passavam só carros a cavalo.

Uma das profissões era alguém que ia limpar o caminho para as pessoas poderem cruzar a avenida e essa profissão desapacereu, não foi substituída. mas entretanto criaram-se carros, condutores, taxistas, garagens, etc...

A realidade é que vai haver um claro aumento da produtividade em diferentes áreas. Repare que, hoje, com alguma facilidade, consegue ter o seu jornal em português, inglês, alemão e francês. Já viu que vantagem isso dá de exponenciar o seu produto para as comunidades portuguesas?
Não são perfeitos, mas deixe a tecnologia ir apurando. Há cinco anos usava o Google translator e estranhava o inglês, mas hoje já diz isto agora já está quase bom.
Vão também aparecer novas profissões. Já há de quem utiliza a Inteligência Artificial, de criadores de sistemas de Inteligência Artificial ou que usam o ChatGPT e fazem as perguntas corretas.

Está confiante?

O conhecimento não resolve os problemas todos, por isso é necessária a Academia, para ir alargando as fronteiras do conhecimento. E estes cenários mais apocalipticos, na realidade, não serão tanto assim.

Se o mundo é perfeito e vai ser melhor, não acho. Mas nunca foi. O mundo sempre foi de quem aproveitou as oportunidades.

E quem terá sucesso neste novo mundo?

Isso é o grande problema da Inteligência Artificial, é quem é que vai sobreviver, ter sucesso? Primeiro, serão os que dominam a tec-

nologia, por isso é tão importante divulgá-la e acima de tudo utilizá-la. E Portugal tem aí algum atraso, e Guimarães em particular também tem.

A segunda questão é que o conhecimento vai ser caro, ele já está a ser caro. Houve uma primeira fase de acesso livre, mas hoje as ferramentas mais interessantes de Inteligência Artificial já começam a custar dinheiro. E também aí será necessária uma intervenção. Se queremos que os alunos mais desfavorecidos na nossa sociedade tenham acesso a isso, vamos ter que também criar projetos, programas para disponibilizar essas ferramentas. Senão, quem detém algum poder ou a tecnologia, vai-se afastar.

A minha primeira visão era que isto nos ia aproximar, diminuir as desigualdades. Mas infelizmente, pela evolução que estou a ver, será ao contrário, e isso é grave.

Numa sociedade que eu gostaria que fosse inclusiva temos que criar instrumentos para não deixar ninguém para trás. Porque quem ficar para trás está irremediavelmente condenado ao subdesenvolvimento, quer seja uma pessoa, uma cidade ou um país.

Este é um comboio perigoso, do conhecimento, que tem uma característica, só é mais valia quando se usa, naquele momento. Passado algum tempo já não é conhecimento, é uma boa prática que qualquer um usa, e isso já não é um fator de competitividade. O conhecimento gera conhecimento e novas oportunidades.

Eu uso a analogia do comboio, que só passa uma vez. Eu não me importo de não ir em primeiro, de não estarmos sempre na Liga dos Campeões, nem o nosso querido Vitória, mas quero ir no comboio.

Os encontros que tem promovido em Guimarães com investigadores colocam a cidade no centro da atividade em Portugal? Tem procurado colocar Guimarães nesse comboio?

Isso seria uma falta de modéstia da minha parte. Diria que Guimarães e a Universidade do Minho, onde tenho a honra de trabalhar, têm tentado colocar a nossa região, e naturalmente Guimarães, no comboio. Tenho trazido muitos congressos, muitas iniciativas pioneiras e de primeira linha de intervenção para Guimarães.

Nós somos a sede do maior laboratório associado de Inteligência Artificial, que é o LASI, e a Câmara Municipal cedeu-nos instalações (no antigo Cybercentro), temos um dos maiores Centros de Investigação, onde de facto trabalhamos muito nesta questão da AI, que é o ALGORITMI, na Escola de Engenharia da Uminho, temos cursos em Engenharia Informática, em Ciência de Dados aqui em Guimarães, que tem também componentes de IA. Vamos criar um novo mestrado em Inteligência Artificial, que também poderá alavancar o aparecimento de novos profissionais, e competentes na área, para permitir que as empresas tenham acesso a esses recursos humanos especializados. Temos ainda, em Guimarães, doutorados na área, o que também é importante, porque são séniores especializados que vão criando também novas competências. Diria que, para a dimensão de Guimarães, estamos bem.

E têm um supercomputador...

Temos a infraestrutura que nos permite fazer esses cálculos, as frigideiras das omoletes de que há pouco falávamos, temos que ter é os ovos. Precisamos de perceber que só há Inteligência Artificial com digitalização, que só conseguimos ajudar se tivermos dados.

Temos as infraestruturas e temos as pessoas. O que é que nos falta? Tenho que ser claro, falta-nos alguma dimensão, porque neste mundo, também a quantidade de ovos faz a diferença. Ter poucos nunca nos vai permitir estar a um nível competitivo avançado em que possamos competir com os grandes players.

Como é que podemos resolver isso? Simples. A associação empresarial X junta os dados de uma determinada área, isso já resolve um problema. Às vezes, este nosso individualismo não nos ajuda, é bom, o nosso bairrismo também é bom, mas também nos pode prejudicar.

Num mundo competitivo como este.

Para mim seria fácil já ter saído de Guimarães. Nunca o fiz, e porque ainda acredito que, juntando-me a outros, poderemos ser melhores. O que nos está a faltar é a capacidade de juntarmos os nossos aquários, cada um do seu tamanho. As sociedades do futuro são as sociedades que vão ser colaborativas, e isso não significa que vamos ser todos iguais, esqueçam, isso não vai acontecer, mas a verdade é que colaborando somos todos melhores e todos mais fortes. Temos que ter uma estratégia e saber para onde queremos ir.

PUB

Não temos dimensão para sermos bons em tudo, temos que escolher, e a Inteligência Artificial pode ajudar-nos a fazer escolhas. Podemos até nem ir pela IA mas usá-la naquela estratégia de desenvolver uma área do conhecimento, uma área de fabrico, o turismo, por exemplo, mas não só o turismo, e melhorar o nosso têxtil, a nossa cutelarias, nós somos bons nisso. Não vamos inventar, vamos reinventar-nos para sobreviver no novo mundo que aí vem.

Quando surge a sua paixão por este mundo da IA?

Eu diria que foi a ler o Jules Verne, quando miúdo, e eu sempre gostei de zeros e uns, gosto de matemática, de tentar representar. Sempre gostei de criar abstrações e de simplificar o mundo, tentando perceber o que é importante e o que não é, o que é acessório e o que não é. Sempre gostei de fazer isto.

Gosto de engenharia, sou acima de tudo um engenheiro, por isso é que gosto muito de aplicar, pegar nos conceitos e de os aplicar em soluções.

Eu não sou um produtor de soluções finais. Porque estou na academia eu sou um desenvolvedor de protótipos, de casos de estudo que provem que aquela tecnologia, daquela forma, é melhor ali. Depois tem que haver outro tipo de pessoas que fazem o acompanhamento, desenvolvem o produtos. Costumo dizer que gosto de modelar o mundo por zeros e uns, mas acredito noutras coisas, porque acho que os zeros e uns também são muito frios e precisamos depois de algo que lhes dê uma certa substância, um certa humanidade.

SE O MUNDO É PERFEITO E VAI SER MELHOR, NÃO ACHO. MAS NUNCA FOI. O MUNDO SEMPRE FOI DE QUEM APROVEITOU AS OPORTUNIDADES.

O QUE O PAULO NOVAIS VAI ANDAR A FAZER NOS PRÓXIMOS TEMPOS?

Vou fazer o que gosto, conversar consigo, conversar com muitos. Continuar com os meus alunos no meu grupo de investigação aqui na Universidade do Minho. O que pretendo é continuar, estou naquele momento da minha vida em que gosto muito do que estou a fazer. Como sabe, procuram-me também muito para ir a muitos sítios, uma certa agitação que eu procuro e gosto. Gosto desta cidade, sinto-me bem aqui, onde tenho os meus amigos e a minha família, mas de vez em quando sinto falta de outros mundos, porque às vezes acho que Guimarães se fecha muito no nosso bairrismo.

Noutro dia fiquei triste quando vi uma fotografia e as pessoas a criticarem colegas que estão aqui a trabalhar em profissões humildes, que estavam a rezar, muçulmanos, em frente ao castelo. Fiquei indignado com o que vi e li.

Pessoas a acharem mal eles estarem ali junto ao castelo. D. Afonso Henriques permitiu que todos estivessem aqui cumprindo as regras. E aqui há regras, vivemos numa sociedade democrática em que cada um tem direitos.
O que aconteceu é também reflexo de uma certa pequenez. Vi pessoas com responsabilidades, não políticas, mas com opinião pública, fazerem isso e fiquei muito triste. É uma vergonha para uma terra que teve tantos emigrantes, o meu pai foi, e que quando cumpriram as regras foram bem recebidos e fizeram até com que esta terra beneficiasse disso. E aí eu sinto vergonha de ser vimaranense, quando isso acontece.

Eu acho que esta é uma mensagem importante: Temos que aproveitar o nosso tamanho, que é isso que nos define, e não esquecer que Guimarães tem que ser aberto ao mundo, capaz de captar novos talentos, venham eles de onde vierem. O que temos é de integrar essas novas pessoas.

E isso, já agora, também é prova do nosso subdesenvolvimento, porque se não somos capazes de atrair outros, é porque também não estamos grande coisa. Enquanto isso não mudar, Guimarães não vai evoluir.

QUEM É PAULO NOVAIS?

Paulo Novais nasceu há 55 anos em São Torcato, Guimarães. É doutorado em Informática pela UMinho, na qual é professor catedrático do Departamento de Informática e lidera o laboratório ISLab do Centro ALGORITMI. Coordena também o maior laboratório associado de Portugal, o LASI, com mais de 500 cientistas de sete academias. Preside ainda a Assembleia Geral da Associação Portuguesa para a Inteligência Artificial, da qual foi o presidente da direção entre 2016 e 2019.

Representa Portugal nas comissões de Inteligência Artificial da International Federation for Information Processing (IFIP) e da International Organization for Standardization (ISO), sendo também membro sénior do Institute of Electrical and Electronic Engineers (IEEE).

Além disso, colaborou como perito da Comissão Europeia, venceu prémios científicos em vários países, coordenou e participou em diversos projetos de I&D, orientou mais de uma centena de dissertações e teses e é (co) autor de mais de 400 publicações científicas.

A BYD CHEGOU A GUIMARÃES
REPRESENTADA PELO GRUPO M. & COSTAS

© JOÃO BASTOS - M. & COSTAS

A BYD – líder mundial em mobilidade elétrica – chega a Guimarães e Braga, representada pelo grupo vimaranense M. & Costas.

A inauguração das instalações da marca, localizadas em Creixomil (junto à igreja) aconteceu na sexta-feira, 09 de fevereiro.

Amigos, clientes e parceiros, tiveram a oportunidade de conhecer os vários modelos BYD e participar neste momento, que é "um marco da inovação e sustentabilidade na cidade-berço", adiantou Paulo Meireles, administrador do Grupo M. & Costas.

Já Pedro Alves, responsável pela BYD da M & Costas, apresentou aos presentes algumas das características dos automóves da marca.

A inauguração foi um momento de surpresas e celebração aberto a todos os entusiastas e interessados em conhecer e em saber mais sobre a BYD.

A "Build Your Dreams", é reconhecida mundialmente como líder no fabrico de soluções de mobilidade elétrica, destacando-se pelo compromisso com a inovação e sustentabilidade.

BYD | M & COSTAS @mcostas.byd

Fundada em 1995, como fabricante de baterias recarregáveis, a empresa tem atualmente um papel relevante nas indústrias automóvel, eletrónica, energias renováveis e transportes ferroviários com mais de 30 parques industriais na China, Estados Unidos, Canada, Japão, Brasil, Hungria e Índia, e está focada em fornecer soluções de mobilidade elétricas (PHEV e EV) a todo o mercado contando já com mais de 4 milhões de condutores em todo o mundo. Nos últimos anos a empresa testemunhou avanços tecnológicos significativos, entre eles a Blade Battery e a e-Platform 3.0.

A BYD é o único fabricante automóvel do mundo a deixar de produzir veículos movidos a combustíveis fósseis e a apostar apenas na produção de viaturas elétricas.

FUTEBOL À LUPA

O FAIR-PLAY FINANCEIRO... UM MECANISMO SEMPRE A APERFEIÇOAR-SE

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

UM INSTRUMENTO PARA A SUSTENTABILIDADE

O fair-play financeiro começou a ser falado em 2009, quando a UEFA percebeu que a maioria dos clubes houvera sofrido perdas financeiras substanciais, já que gastavam mais do que os proventos que auferiam, o que poderia colocar em causa a sua subsistência.

Haveria, por isso, de começar a ser aplicado em 2011, obrigando os clubes que se qualificavam para as provas europeias a comprovar que tinham as contas em dias, sendo que em 2013 esta obrigatoriedade haveria de ser complementada por outra obrigação: a break-even rule. Basicamente, e de modo simplista, esta significará que nenhum emblema poderá gastar mais do que as receitas que gera, restringindo-se, deste modo, a acumulação de dívidas. Para avaliar estas questões, o Comité de Controlo Financeiro dos Clubes da UEFA (CFCB) devia analisar, em todas as épocas, as contas consolidadas de todos clubes - participantes nas provas da UEFA - dos últimos três anos, ainda que tenha permitido alguns desvios à norma, já que podiam gastar até mais 5 milhões de euros do que ganhavam por período de avaliação (três anos). No entanto, podiam exceder este limite até um certo nível, se ele estivesse inteiramente coberto por uma contribuição/pagamento por parte do(s) dono(s) do clube ou entidade envolvida. Isto evitava o acumular de uma dívida insustentável.

Os limites eram os seguintes:

• 45 milhões de euros para períodos de avaliação 2013/14 e 2014/15
• 30 milhões de euros para períodos de avaliação 2015/16, 2016/17 e 2017/18
De forma a promover o investimento em estádios, centros de treino, aposta na formação de jovens e no futebol feminino (a partir de 2015), todos estes custos são excluídos das contas do equilíbrio de gestão.

UMA TEMPORADA DE TRANSIÇÃO

Porém, tratando-se de um mecanismo em constante aperfeiçoamento, novas medidas deverão ser tomadas brevemente.
Deste modo, a UEFA, através de uma comunicação recente, resolveu sublinhar que "no que respeita ao procedimento e à tomada de decisões, a estabilidade deverá prevalecer. Com efeito, as regras processuais de 2022 que regem o Organismo de Controlo Financeiro dos Clubes (OCFC), ao abrigo das quais foi conduzido o processo de monitorização de 2022/23, serão as mesmas que regem o processo de monitorização dos clubes de 2023/24. Haverá também continuidade na composição da Primeira Câmara, cujos sete membros foram todos reeleitos para um mandato de quatro anos (2023-27) pelo Comité Executivo da UEFA no final de junho de 2023."

No que toca às regras definidas pela UEFA a nível financeiro, a época 2023/24 será, pois, uma época de transição. Esta preparará o terreno para as primeiras avaliações e decisões relativas ao cumprimento do novo modelo de Fair-Play Financeiro. Entre as novas regras está a do controlo dos custos do plantel, conhecida como "regra dos custos do plantel", cujo objectivo é assegurar a racionalização das despesas, limitando as despesas no que toca a salários de jogadores e treinadores, transferências e comissões de agentes a 70 por cento das receitas globais dos clubes.

No entanto, está prevista uma aplicação progressiva desta regra, com a percentagem a passar de 90% na época 2023/24 para 80% em 2024/25 e 70% a partir de 2025/26. Este requisito fornece uma medida directa entre os custos e as receitas das equipas para incentivar uma ligação mais forte entre os custos e o desempenho. Se os clubes violarem este novo requisito, ficarão sujeitos a medidas disciplinares, incluindo sanções financeiras e desportivas.

O requisito de equilíbrio orçamental (regra do "break-even"), que foi, como referimos, um dos pilares do Fair-Play Financeiro durante algum tempo, foi avaliado pela última vez na época 2022/23. O seu sucessor regulamentar, o requisito de estabilidade conhecido como "regra das receitas do futebol", será avaliado pela primeira vez na época 2024/25. Entretanto, os requisitos de solvência, ou

seja, a regra adicional do pagamento de dívidas vencidas, continuarão a ser acompanhados de perto nesta época de 2023/24.

Assim, durante a presente temporada, "será também dada especial atenção aos clubes que celebraram um acordo de compensação, uma vez que terão objectivos de receitas específicos a cumprir durante a época, tal como estipulado no seu acordo. Além disso, os critérios que os clubes devem cumprir para participar nas competições da UEFA foram significativamente reforçados nos novos regulamentos", explicou a UEFA em comunicado.

REQUISITOS PARA O FUTURO

De facto, existirão novos requisitos que entrarão em vigor a partir do presente ano (com disposições transitórias específicas), tais como a introdução de:

- A "regra do património líquido", que visa reforçar os balanços dos clubes, assegurando que operam com um património líquido positivo
- Critérios específicos para o futebol feminino, a fim de garantir que os principais clubes de futebol masculino apoiem o desenvolvimento do movimento;
- Requisitos contabilísticos específicos que devem ser respeitados nos balanços.

"Por último, do ponto de vista regulamentar, as discussões sobre potenciais melhorias ou alterações às regras acima referidas continuarão na época 2023/24", conclui a UEFA, no comunicado. A pedido do Comité de Licenciamento de Clubes da UEFA, um grupo de trabalho composto pelas várias partes interessadas do futebol europeu analisará cuidadosamente as potenciais opções e proporá alterações e aditamentos ao quadro regulamentar da UEFA, quando necessário.

Um instrumento sempre em aperfeiçoamento...

PUB

Obrigado pela confiança.

é bom viver assim

ldc loja do condomínio

PRÉMIO CINCO ESTRELAS 2024
ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS
2 ANOS CONSECUTIVOS

Conheça a solução ideal para o seu condomínio:

LDC GUIMARÃES
Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020
E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt

PUB

10 ANOS
MAISGUIMARAES
COMUNICAÇÃO SOCIAL

OBRIGADO
PELA CONFIANÇA!

LÍDERES NO INSTAGRAM
ENTRE A COMUNICAÇÃO SOCIAL LOCAL

80.000
SEGUIDORES NO FACEBOOK

WWW.MAISGUIMARAES.PT

10 ANOS

BREVES E INTERESSANTES

BALÃO EXTINTOR PODE REVOLUCIONAR COMBATE AOS INCÊNDIOS

O Block'Fire é uma nova forma de extinguir incêndios e promete revolucionar a forma como lidamos com essas ocorrências. Esta ferramenta pode tornar-se numa solução acessível e eficaz para os profissionais e para os cidadãos. O Block'Fire é de fácil utilização, o que permite ser uma solução para combater os incêndios domésticos além dos florestais.

Este balão é ativado por impacto. Quando chega ao solo, liberta um extintor que cobre os incêndios das classes A, B e C, o que representa 98% dos incêndios comuns.

ASTRONAUTA RUSSO BATE RECORDE MUNDIAL DE MAIS TEMPO PASSADO NO ESPAÇO

Oleg Kononenko bateu o recorde de presença humana fora da órbita da terra (mais de 878 dias), tendo ultrapassado o seu compatriota Gennady Padalka. O astronauta manter-se-á no espaço durante mais algum tempo e poderá chegar aos mil dias.

O russo conta que voa "para o espaço para fazer o que amo, não para bater recordes. Sonho e aspiro ser cosmonauta desde criança. Esse interesse, a oportunidade de voar para o espaço, de viver e trabalhar em órbita, motiva-me a continuar a voar", disse à agência de notícias TASS.

ÓCULOS DE REALIDADE VIRTUAL DA APPLE ESTÃO A SER DEVOLVIDOS À MARCA

Os fãs da realidade virtual aguardavam para terem acesso aos Vision Pro da Apple, óculos de realidade virtual que prometiam mudar o dia a dia das pessoas. Todavia, poucas semanas depois, os equipamentos estão a ser devolvidos à marca de origem.

De acordo com dados de relatórios de devolução, uma das reclamações mais comum por parte dos utilizadores é o conforto dos óculos, causando dores de cabeça e enjoos. Além disso, as reclamações passam pelo peso e a desproporcional distribuição. Alguns utilizadores relataram, ainda, olhos secos e vermelhidão.

PUB

15 — 30 MARÇO
EXPOSIÇÃO
A PAIXÃO EM GUIMARÃES

17 — 31 MARÇO
CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS

24 — 30 MARÇO
MÚSICA
FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA RELIGIOSA DE GUIMARÃES

FIMRG
VIII EDIÇÃO

22 — 24 MARÇO
GASTRONOMIA / ALOJAMENTO
FINS-DE-SEMANA GASTRONÓMICOS

15 — 30 MARÇO
PROGRAMAÇÃO PARALELA

DA QUARESMA À PÁSCOA

15 — 31 MAR/2024

ORGANIZAÇÃO

MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

PARCEIRO MEDIA

Renascença

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

MUSEUS E MONUMENTOS DE PORTUGAL

SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

SMS

portonorte